

Metamorfooses

Fernando e Humberto Campana abrem as portas de seu novo estúdio com exclusividade para a ELLE Decoration Brasil. Em um bate-papo emocionante e divertido, fazem um balanço dos 37 anos vividos no antigo ateliê e dão pistas do que está por vir.

por taissa buescu

fotos thomas tebet

Fernando e Humberto, que traz na cabeça teste feito pelo estúdio com os retalhos recebidos de Paola Lenti para o desenvolvimento da nova coleção da marca com a assinatura Campana.

Detalhe da trama em veludo da poltrona Aracnídeo, da coleção Hybridism, das galerias Friedman Benda e Carpenters Workshop.

“ Costumamos trabalhar com materiais mais simples, menos nobres, e ressignificá-los. ”

sempre gostei de viajar, conhecer o novo. Acho que aprendi com nossos pais, que rodaram o Brasil com a gente em um fusca.

Fernando – Eu já tenho mais resistência a viagens, a mudanças. Eu sou como um gato. Até eu dominar um novo espaço, leva tempo. É minha característica. Sou do signo de Touro, muito ligado às minhas origens. Tanto que tenho passado muito tempo em nossa casa de Brotas (SP), onde nascemos. Isso me faz um bem danado.

Alguma ideia surgiu do processo de ocupar o novo estúdio?

Humberto – Desde o início do ano, eu preenchi três cadernos com desenhos, ideias. Já imaginando a mudança, a alegria, o otimismo de ir para um lugar novo, uma nova fase. Isso causou uma erupção dentro de mim, e precisei registrar esse momento de forma inconsciente. Sua pergunta me faz pensar nisso, na alegria de viver, de criar contaminado pela mudança. Muitas ideias estão por nascer.

Suas peças sempre foram pautadas pelo aspecto artesanal, tanto as produzidas no estúdio como as desenvolvidas para grandes marcas, como Edra, Alessi, Louis Vuitton e Firma Casa. Este ano vocês apresentarão no Salão do Móvel em Milão a primeira coleção Campana para Paola Lenti, uma marca que trabalha com materiais high-tech. Como aliam o processo criativo ao utilizar alta tecnologia e produção industrial sem perder o DNA Campana.

Humberto – Foi um presente que a vida nos ofereceu. No início de 2021, a Paola nos contactou, propondo trabalhar com os descartes do processo produtivo da marca. Aí ela nos mandou três caixas de restos variados de materiais incríveis e o processo começou assim, sabe? Nossa estagiária Juliana começou a desfiar as cordas. Desfiamos tudo, criamos retalhos e, com eles, novos padrões, misturando muitas cores, que viraram um novo material.

Fernando – Nós costumamos trabalhar com materiais mais simples, menos nobres, tentando adaptá-los, ressignificá-los. Agora tivemos a chance de dar uma nova pele, uma nova vida a um material tecnológico, mas de forma artesanal.

Então esse novo material vem da costura dos retalhos e das cordas desfiadas, e tudo feito à mão? Quem faz isso na Itália?

Humberto – Algumas das nossas peças são de fato feitas à mão por uma ONG de imigrantes, artesãos vindos da Síria, da Bolívia, contratados pela empresa de Paola Lenti. Um trabalho social muito bacana. E, com base em nossos estudos para um novo tecido, a Paola desenvolveu a tecelagem das cordas desfiadas em forma de tubo, como largas meias que revestem os braços e encostos da coleção, que nomeamos de Metamorfosi. O artesanato e a alta tecnologia juntos e misturados.

Essa coleção promete fazer muito barulho em Milão!

Humberto – Pois é. Eu sempre quis trabalhar com uma marca que se comunicasse globalmente para contaminar outras empresas, mostrar que nosso trabalho de ressignificação dos materiais pode ser feito em grande escala. Isso é bacana. Fazer a economia circular numa empresa de repercussão global, como a Paola Lenti.

Hoje a palavra ressignificar tem sido tão usada, e muitas vezes de forma leviana. Mas vocês dão novos significados a materiais há 37 anos, criando não só design, mas verdadeiras obras de arte. Vocês se sentem mais designers ou mais artistas?

Fernando – Para além de mobiliário, a gente faz cenografia, figurinos para balé, joias, esculturas, telas, colagens. É muito bom poder caminhar em várias estradas sem culpa e sem ser tachado disso ou daquilo. Claro, desde que a gente sinta o desafio, uma possibilidade, veja um crescimento nosso, e social também. É o que vale.

Humberto – Até hoje não sei o que eu sou. Acho boa a liberdade de poder transitar. Esse é o prazer de ser um criativo. Eu deixei a advocacia em busca dessa liberdade.

Se pudessem voltar na história, mudariam alguma coisa?

Humberto – Eu acho que estudaria arquitetura. Eu amo arquitetura. Acho que conseguiria ver um espaço com mais rigor. A arquitetura é testemunha da sua mediocridade ou da sua